

Eduardo Fernandes

Recensão do livro

Rem Koolhaas/AMO/OMA/AMMO, *Content*, Köln, Taschen, 2004

ISBN: 3-8228-3070-4

A morte da teoria da arquitectura foi anunciada no dia 14 de Novembro de 2003, data da abertura da exposição de trabalhos do Grupo OMA-AMO¹ na Neue Nationalgalerie em Berlim (54° 56'N 30° 18'E), sendo posteriormente divulgada a nível global com a subsequente publicação de *Content*.²

Content é um volume de 546 páginas que assume desde o início uma identidade ambígua: "I'm not sure if this is a book or a magazine. Actually, I find the tension between the two super-interesting".³ Mas a sua ambiguidade está muito para além da óbvia questão do género; começa no próprio título, onde os dois significados que "content"⁴ tem na língua inglesa (conteúdo e contentamento) são simultaneamente assumidos como identidade:

"OMA offers its *Content* and its content under full and cognizant erasure. (...) And, having sounded an awakening bugle-blast, we are more than content to let reveille turn into jazz, step aside for someone else's solo, and let the cleansing jam session begin."⁵

Se estar "content" é hoje um estado de espírito raro (depois do 11 de Setembro de 2001, na crise económica global e no novo clima de Guerra Fria que lhe sucederam) e quase provocatório, ter "content" é, para os OMA, algo que caiu em desuso na arquitectura. Koolhaas quer contrariar esta tendência; por isso, na apresentação dos seus projectos, salienta os conteúdos e assume o edifício como um contentor.

Content é também um contentor e representa uma atitude oposta à de *SMLXL*,⁶ apesar de, paradoxalmente, ser assumido como uma continuação.

SMLXL representa uma última tentativa de explicar a obra de Koolhaas/OMA com uma teoria holística (Bigness) que é legível de duas maneiras diferentes: como texto de ensaio publicado no livro e como teoria definidora da obra dos OMA (na qual se inclui o próprio livro, cujas opções de base, das dimensões ao peso, do design à organização tentam exprimir e alcançar essa qualidade/dimensão); *Content* é, pelo contrário, o reconhecimento público e consciente da impossibilidade da sobrevivência de uma ideia a um projecto de arquitectura:

"Architecture is a fuzzy amalgamation of ancient knowledge and contemporary practice, an awkward way to look at the world and an inadequate medium to operate on it. Any architectural project takes five years; no single enterprise – ambition, intention, need – remains unchanged in the contemporary maelstrom. Architecture is too slow."⁷

O que Koolhaas diz de um projecto de arquitectura pode-se aplicar a uma publicação como *Content*: na data da sua edição corre o risco de já estar desactualizada, como se reconhece logo no editorial.⁸ Esta consciência da aceleração do tempo não impede (antes justifica) a obsessão de *Content* por se apresentar como testemunho da sua época, de representar o *Zeitgeist* de um breve momento da história que tem um simbolismo irrepitível: princípio de uma década, de um século, de um milénio...

Para os novos Marinetti, o período que atravessamos é heróico: a rápida evolução, inter relação e fusão das três Máquinas que alteraram todos os paradigmas na segunda metade do sec. XX (primeiro a televisão, depois o computador e finalmente o telemóvel) está a revolucionar a arte e a vida; começou uma grande época – existe um espírito novo; a tentação da tábua rasa é grande e sente-se a vertigem da mudança - um telemóvel 3G a navegar na Internet, saltando velozmente de site em site, é mais belo que a Victória de Samocrácia... quase cem anos depois do primeiro manifesto do Futurismo e mais de oitenta anos depois de "Vers une Architecture"⁹ as máquinas são outras, mas o fascínio pela velocidade da mudança é o mesmo.

¹ Office for Metropolitan Architecture (OMA) é a empresa de arquitectura e urbanismo fundada por Rem Koolhaas em 1975 (com Elia Zenghelis, Zoe Zenghelis e Madelon Vriesendorp); AMO é uma empresa simétrica da primeira, criada no final dos anos 90 para desenvolver projectos de investigação complementares ao trabalho dos OMA.

² O anúncio da morte da teoria era inevitável: depois de, em 1883, Nietzsche ter anunciado a morte de Deus, temos assistido a uma sucessão de certidões de óbito que atestam a morte das mais indispensáveis instituições da arquitectura como disciplina: o Autor, a História, o Urbanismo, a Cidade, etc...

³ Diálogo entre a parte masculina e a parte feminina da caricatura do projecto da Opera de Guangzhou, apresentada na página 12-13.

⁴ A última das "Banned words" ("a few terms that have decayed to the point that they stagger, zombielike and even pestilent, across the thoughtscape of the profession") compiladas por Bill Millard em "Banned Words!", p. 88.

⁵ Bill Millard, "Banned Words!", p. 91.

⁶ KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce, S, M, L, XL, New York: Monacelli Press, 1995.

⁷ Koolhaas, pág. 20.

⁸ Brendan McGetrick, "Editor's letter", pág. 16.

⁹ MARINETTI, "Le Futurisme", *Le Figaro*, Paris, 20 de Fevereiro de 1909; CORBUSIER, *Vers une Architecture*, Paris: Ed. Crés, 1923.

Justifica-se assim a urgência de redefinir o espírito da época em *Content*, como qualquer coisa de novo e de volátil, que leva a uma indistigável obsessão pela manipulação de dados histórico-sociais recentes e das imagens relativas a estes, bem como pelo tratamento gráfico de dados estatísticos.¹⁰

Estas tentativas de fotografar um *Zeitgeist* global passam também pela abordagem de temas mais ou menos tangenciais à arquitectura em geral e à obra dos OMA/AMO em particular, como a moda, a televisão (Big Brother, Martha Stewart, Sex and the City), o imaginário dos jogos de vídeo e do soft-porn, os Média (Wallpaper, Wired, The Spiegel) e, recorrentemente, por dedicar uma especial atenção ao Leste Asiático, apresentado como “next big thing” em termos económicos e sócio-culturais. Aliás, o lema “Go East” tenta ser (sem grande sucesso) para *Content* o que a ideia de “Bigness” foi para *SMLXL*: uma regra simples que organize a profusão caótica de informação com uma estrutura e uma ideia forte.

Subjacente a esta overdose de dados e temas, está uma vontade de justificar a obra (construída ou não) dos OMA como o resultado inevitável da vertigem da época, como uma interpretação casuística de circunstâncias particulares, como um exercício sempre diferente de manipulação de conteúdos.

Também *Content*, como qualquer outra obra, é um produto do momento, descartável, porque não pode ser outra coisa (mas que, como qualquer bom retrato da sua época, aspira à História), contente com o seu papel de mero contentor...

É nesta ambiguidade de significados da palavra que se constrói a mensagem subliminar de *Content*, particularmente evidente em “Junkspace”,¹¹ que aparece como o seu mais interessante e discutível conteúdo.

Se os dois principais textos de *SMLXL*, “Bigness, or the problem of large” e “The Generic City”, apresentavam uma certa interdependência, “Junkspace” é o seu corolário. Koolhaas apresenta em “Bigness” um enunciado tipológico onde defende que uma maior escala (ou massa crítica) de um edifício impede que este possa ser controlado por um único gesto arquitectónico, ao mesmo tempo que permite e justifica a autonomia do conteúdo em relação à sua pele contentora, um maior impacto sensorial (que não depende das suas qualidades), e a sua descontextualização urbana. Num contexto de “Cidade Genérica” (definição aplicada às cidades emergentes, que Koolhaas considera iguais em todo o lado, sem história, carácter ou identidade) “Bigness” parece ser (para os OMA) a única atitude capaz de criar objectos identitários. O conceito de “Cidade Genérica” implica e desculpa o efeito “Bigness”: “fuck context” aplica-se sobretudo onde o contexto é desprezável...¹²

O conceito de “Junkspace” aparece assim em *Content* como o inevitável resultado da aplicação dos princípios de “Bigness” na circunstância da “Generic City”, como o resultado da aplicação das regras da economia global (que estão na sua génese) ao interior de um Mega-edifício. A descontextualização é agora vista por dentro: a relação entre as partes não é controlável, o espaço é ampliado infinitamente pela associação da escada rolante com o ar condicionado. “Junkspace” é um espaço de/para consumo rápido (“Fast-space” seria outro nome possível); como a “Fast-food” (sinónimo de “Junk-food”) responde a uma necessidade momentânea e não aspira a mais que isso.

Koolhaas procura assim justificar a sua arquitectura, o seu método de trabalho, a sua obsessão pelo programa: se (na escala XL) a resolução da fachada está livre de condicionantes interiores, o contexto não interessa e o espaço é incontrolável, resta ao arquitecto a conceptualização programática e a organização dos conteúdos como único desafio projectual.

Esta obsessão é clara e assumida em *Content*: se quase não se encontram desenhos de arquitectura, não faltam em *Content* organigramas funcionais e outros elementos gráficos (mais ou menos alegóricos) que explicam a génese da forma. A obra de Koolhaas (construída ou não) só sai bem retratada ao nível do conceito, do diagrama funcional. Em “Patent Office” os OMA levam esta obsessão pelo conceito à caricatura, reclamando a paternidade das suas ideias (ilustradas em esquema e explicadas em texto) enquanto em “Astorology” assumem esta metodologia em discurso directo, como marca distintiva do seu trabalho, em contraste com o de Herzog & de Meuron.¹³

Se em “Astorology” esta opção metodológica aparece claramente assumida, em “Junkspace” está subentendida por oposição ao que se critica: por trás de um estilo sôfrego de escrita (o texto é um único parágrafo de 10 páginas, um “Junktext” de discurso contínuo, ilimitado e hiper inclusivo) e de um intrincado novelo com dezenas de pontas soltas, ideias não desenvolvidas, afirmações não justificadas e certezas pouco consensuais,¹⁴ está uma das críticas mais

¹⁰ ver, entre outros possíveis exemplos, “Brief History of OMA” (pág. 44 a 51), “Context” (pág. 94 a 103), “_ is History” (pág. 106 a 115), “Yes/No” (pág. 240 a 251), “Hollocore” (pág. 336-349) ou “€-conography” (pág. 376 a 389).

¹¹ Koolhaas, “Junkspace”, *Content*, p. 162 a 171; anteriormente publicado em Chuihua Judy Chung, Jeffrey Inaba et al, eds., *Harvard School of Design Guide to Shopping*, Taschen, 2002.

¹² Exemplo perfeito da ambiguidade da aplicação de Bigness num espaço urbano identitário é a Casa da Música: num contexto como o da Rotunda da Boavista, a envolvente já preocupa Koolhaas (como se viu pela recente polémica a propósito do edifício do Arq. Ginestal Machado); a aparente não-relação com a envolvente que o edifício/objecto assume implica, paradoxalmente, um contexto específico que, como se tornou evidente, o novo edifício projectado a poente da Casa da Música viria a alterar...

¹³ “The bulk effortlessly combines OMA’s preoccupation with program and H&deM’s focus on façade. Image = Idea. Façade = Program. Vertical = Horizontal. Plan = Section. If buildings could have DNA tests, this version would definitely prove a child of H&deM and OMA” Fenna Haakma Wagenaar, “Astorology”, p. 207. Esta visão da experiência da colaboração OMA/H&deM no projecto do Hotel Astor Place (não construído) parece, no entanto, ser uma leitura demasiado optimista dos resultados ...

¹⁴ A expressão “Junkspace is...” surge 33 vezes nas dez páginas do texto, sem contar outras formulações como “Junkspace seems...”, “Junkspace thrives...”, “Junkspace sheds...”, etc...

abrangentes (e incisivas) ao panorama da arquitectura contemporânea e às suas diversas tendências, feita por um arquitecto do “star system” contemporâneo.

O que começa por ser um discurso mais ou menos consensual sobre aquilo a que Marc Augé chama “não lugares”¹⁵, como centros comerciais, casinos, hotéis, auto-estradas e hospitais (aprofundado com uma atribulada visita guiada a um aeroporto em expansão), que oscila entre o relato impiedoso e crítico da circunstância e a evidência de um incontido fascínio, vai-se tornando, pouco a pouco, num discurso provocatório para os seus pares.

Após o aviso geral “aos senhores arquitectos”,¹⁶ lembrando Corbusier em “Vers une architecture”¹⁷ (referência que não será de todo inocente), os alvos tornam-se cada vez mais concretos:

“Junkspace happens spontaneously (...) through Default Preservation™ (the maintenance of historical complexes that nobody wants but the Zeitgeist has declared sacrosanct)”;

“Through Junkspace old aura is transfused with new luster to spawn sudden commercial viability: Barcelona amalgamated with the Olympics, Bilbao with Guggenheim, 42nd with Disney. (...) A shortage of masters has not stopped a proliferation of masterpieces. “Masterpiece” has become a definitive sanction, a semantic space that saves the object from criticism, leaves its qualities unproven, its performance untested, its motives unquestioned.”;

“Now, massive injections of lyricism have enable infrastructure – the one domain previously immune to design, taste or the marketplace – to join the world of Junkspace (...) Railway stations unfold like iron butterflies, airports glisten like cyclopic dewdrops, bridges span often negligible banks like grotesquely enlarged versions of the harp. To each rivulet its own Calatrava”;

“Minimum is the ultimate ornament, a self-righteous crime, the contemporary Baroque. It does not signify beauty, but guilt. (...) minimum is maximum in drag, a stealth laundering of luxury (...) Its role is not to approximate the sublime, but to minimize the shame of consumption (...)”

A ambiguidade principal do texto está no tom sempre crítico, em paralelo com um lento atenuar do significado específico da designação “Junkspace”, que vai englobando tudo ou quase tudo o que se projecta e constrói (falta explicar se a obra dos OMA escapa a esta classificação, e porquê¹⁸) acabando por se tornar uma condição inevitável da arquitectura do nosso tempo, mais do que uma qualidade distintiva do espaço...

A quem se destina *Content*?

Esta parece ser a pergunta chave, para uma interpretação das intenções de Koolhaas e das ambiguidades já referidas. Tudo nesta obra aponta para um público jovem, estudante (não necessariamente de arquitectura), em idade universitária ou pré-universitária: o preço (escandalosamente baixo, graças à sua distribuição mundial em língua inglesa pela TASCHEN), o aspecto da capa (que assume uma estética grotesca típica de um mau Comic Book ou de um jogo de vídeo), a ambiguidade do design (*Content* oscila entre a aparência de um livro, de uma revista ou mesmo de um catálogo de vendas à distancia), os temas abordados, a ironia (que chega a ser paródia, em algumas páginas) de alguns conteúdos¹⁹ e a falta de especificidade arquitectónica da globalidade da obra.

Content é um “Junkbook”. Não quer ser levado a sério. Se em *SMLXL* o design de Bruce Mau era inovador como condição de excelência e atratividade,²⁰ em *Content*, o trabalho de Simon Brown e Jon Link (&&&) é “Junkdesign”: provocador, prolixo, excessivo, referenciado numa estética “mainstream”.

Ser apontado por uns como um livro visionário e idiossincrático, sucessor de “Vers une architecture” (Corbusier), e “Complexity and Contradiction” (Venturi) e por outros como um “revolting comic book for students” que parece “an unedited, unselfcensored school magazine”,²¹ é uma consequência natural e propositada da sua peculiar relação de forma e conteúdo. *Content* usa o seu design e estrutura gráfica para afastar aqueles com quem não quer discutir conteúdos...

¹⁵ “espaços que não podem definir-se como identitários, relacionais ou históricos”. M. Augé, *Non-Lieux*, Paris, Ed. du Seuil, 1992, pág. 83.

¹⁶ “Note to architects: you thought you could ignore Junkspace (...) But now your own architecture is infected, has become equally smoth, all-inclusive, continuous, warped, busy, atrium-ridden...” Koolhaas, “Junkspace”, p. 167.

¹⁷ ver o capítulo “Trois rappels à MM. les architectes”.

¹⁸ O discurso de Koolhaas sobre a tipologia “Masterpiece” aplica-se facilmente à Casa da Música, por exemplo: “Masterpiece is (...) a consistent typology: its mission to intimidate, most of its exterior surfaces bent, huge percentages of its square footage dysfunctional, its centrifugal components barely held together”; p. 168.

¹⁹ de que o melhor exemplo será a colecção de caricaturas dos próprios edifícios dos OMA, na página 544...

²⁰ o que tomou *SMLXL* o “coffee table book” dos anos 90; ver Charles Jencks em RATTENBURY, Kester (Ed.) *This Is Not Architecture*, London: Routledge, 2002.

²¹ ver Edmund Hardy, “Kool And The Gang” (www.spikemagazine.com, 4/7/2005) e Boaz Ben Manasseh, “Malcontent?”, *The Architectural Review*, May 2004, respectivamente.

Assumindo-se como pouco mais do que um contentor de informação (como “quase nada”²²), como uma tentativa (conscientemente votada ao fracasso) de capturar num momento o retrato de uma época em permanente mudança, como um esboço de monografia limitado pela impossibilidade de explicar a obra dos AMO/OMA num processo linear, *Content* não significa apenas uma momentânea recusa da Teoria, significa o anúncio da sua morte. Mas nós, os que (como Koolhaas) gostamos e precisamos de pensar e escrever sobre Arquitectura, não podemos deixar de esboçar um sorriso e dizer (como Mark Twain) que as notícias sobre a nossa morte são exageradas...

Eduardo Fernandes

²² “If a building or buiding-idea or book has content, conveys content, disseminates content, then is a container: in other words, it is close to nothing.” Bill Millard, “Banned Words!”, p. 91.